

Julho 73

informação associativa 1

EDITORIAL

PELO REFORÇO DO MOVIMENTO ASSOCIATIVO

O Movimento associativo na nossa Faculdade tende, neste momento a ganhar novo impulso.

Depois da actuação policial do CE suspendendo cerca de meia centena de estudantes e enviando 13 destes para o exército colonial, depois das intimidações em massa feitas pelos membros do Conselho Escolar nas respectivas aulas, depois das invasões sucessivas da polícia dirigidas pelo já reformado director Almeida e Costa, para impedir sistematicamente as reuniões dos estudantes, o movimento associativo na nossa escola volta a dar passos em frente.

Com a realização das recentes eleições e o estabelecimento de um programa que impulse e unifique o trabalho dos estudantes da Faculdade, com a reestruturação das comissões de curso que se vinha processando desde Janeiro, temos o M.A. em Ciências minimamente organizado para, organizando e mobilizando a grande maioria dos estudantes, poder os enquadrar e a sua actividade dentro da corrente progressista pela evolução e transformação histórica da sociedade.

APRENDER COM OS ERROS

Embora o M.A. esteja actualmente em Ciências minimamente organizado, como atrás referimos, não negamos nem negaremos os erros cometidos no período após o assassinato pela Pide de Ribeiro dos Santos e que

(cont. pag. 2)

ACABEMOS COM O SECTARISMO, AS ALDRABICES E AS PROVOCAÇÕES

Pretendemos, com este artigo, realçar certos acontecimentos que se desenrolaram nestas últimas movimentações, desde que 21 estudantes foram presos junto a Letras, na concentração de protesto pela presença de gorilas nessa Faculdade. Embora no artigo "Sobre os últimos acontecimentos em Letras e no Técnico" inserido também neste boletim se relatem com algum pormenor os acontecimentos recentes de maior vulto e que tiveram a aderência e participação de muitas centenas de estudantes, vamos-nos debruçar sobre determinadas posições e acções tomadas e propostas por um grupo de estudantes que reivindica a denominação "Ousar Lutar, Ousar Vencer" - "Estar na Luta" em Direito e em Económicas, respectivamente, e tentar analisar as consequências que para o Movimento Associativo têm essas posições.

É sabido por toda a gente que existem, entre os colaboradores associativos, divergências grandes, quanto aos diversos aspectos do trabalho associativo. São pro

(cont. pag. 3)

sumário

- editorial
- acabemos com o sectarismo, as aldrabices e as provocações
- sobre os últimos acontecimentos em Letras e no Técnico
- os estudantes presos

contribuíram para o afastamento da Faculdade dos estudantes suspensos e para uma quebra do trabalho associativo desenvolvido.

Quando os plenários de Novembro indicavam claramente greve geral em toda a Academia e a intensificação da informação à população, as direcções reformistas tudo faziam para influenciarem o rápido regresso às aulas e o esquecimento forçado das atrocidades do governo assassino, atrocidades essas que indignaram justamente largas massas de estudantes como as manifestações de rua o demonstraram. Em Ciências, a tentativa de manter fidelidade às decisões de plenário implicou o isolamento desta escola em relação aos estudantes das outras escolas (nomeadamente, face ao Técnico e Económicas, escolas com peso decisivo nas movimentações federativas) e facilitou a tarefa da repressão:

Como era só uma escola, isolada das outras, não havia dúvidas ou receios - era uma boa oportunidade para a reprimir. escola em relação aos estudantes das outras escolas (nomeadamente face ao Técnico e Económicas, escolas com peso decisivo nas movimentações federativas) e facilitou a tarefa da repressão: Como era só uma escola, isolada das outras, não havia dúvidas ou receios - era uma boa oportunidade para a reprimir.

Privou-se assim o M.A. de corresponder às exigências dos estudantes nessa altura e, através das divisões internas, facilitou o trabalho da repressão. E o M.A. de Ciências não soube adaptar-se à nova situação federativa (de acalmia compulsiva) evitando o isolamento em que as direcções reformistas o colocavam, mas continuando a apoiar a indignação estudantil contra o assassinato, as prisões de dirigentes e as calúnias das notas officiosas e discursos.

Não seremos nós, no entanto, a esquecer os erros cometidos e as razões que estiveram na sua origem, nem tão pouco ficaremos pela contemplação passiva dos mesmos. Eles serão analisados, tiraremos ensinamentos que nos evitem tornar a repeti-los, mas, fundamentalmente, NÃO CRUZAREMOS OS BRAÇOS e prosseguiremos na luta por um ensino ao serviço do povo. (1)

INTENSIFIQUEMOS O TRABALHO DE INFORMAÇÃO

Cabe às AAEE e ao M.A. em geral um importante papel no campo informativo.

Pretendendo este promover a formação de uma consciência crítica nos estudan-

tes e integrá-los de forma activa na vida social, toda a actividade informativa deve estar a isso subordinada. Assim, o fornecimento de dados sobre a evolução da sociedade, a apresentação de informações completas sobre o que se passa no exterior da Universidade, a descrição por menorizada dos acontecimentos noutras escolas, são tarefas que não podem nunca ser desprezadas. É através destes meios e de um continuado trabalho-base junto da maioria dos estudantes que as posições por estes tomadas serão fundamentadas, esclarecidas, sólidas e haverá confiança para prosseguir a luta.

Este boletim surge, exactamente, como uma necessidade de prestar mais atenção aos acontecimentos, que, dentro e fora da Universidade, se vão desenrolando e que têm relação com a vida dos estudantes enquanto membros desta sociedade. Para combater todos os "Diários de Notícias", televisões e restantes meios de informação que o governo totalmente controla e através dos quais pretende moldar as pessoas omitindo informações, deturpando estrondosamente outras, divulgando ideias reaccionárias, é nossa obrigação montar e organizar uma imprensa estudantil que divulgue junto aos estudantes as informações necessárias dum ponto de vista livre e objectivo, e que se debruce mais atentamente sobre certos acontecimentos que, a não serem aproveitados, cairão facilmente no esquecimento e não trarão nada de positivo para os estudantes. Também temos que combater os métodos de informação baseados quase exclusivamente em "chavões", que não informam devidamente as coisas, que não as apresentam claramente. Diríamos que esta "informação" é feita não para informar, mas sim confundir; são os termos do costume aplicados às diferentes situações, sem que se veja porquê; é a deturpação premeditada dos factos, a companhada de um palavreado pretensamente radical que afinal de nada serve para que nos apercebamos das suas verdadeiras razões.

Para que o M.A. cumpra o seu papel, necessita de uma informação verdadeira, autónoma, ampla, crítica e objectiva.

É esta a nossa determinação no começo da edição deste boletim.

aefcl

ACABEMOS COM O SECTARISMO, AS ALDRABICES E AS PROVOCAÇÕES - continuação da pág. 1

vas disso as diferentes propostas que aparecem em R.G.A.s e em Plenários, as várias posições e listas expostas em períodos eleitorais, os diversos métodos de trabalho utilizados na organização dos cursos, etc. Diariamente elas se manifestam junto aos estudantes; face a qualquer acontecimento é inevitável o seu aparecimento.

Mas tudo isto seria até salutar se as diversas posições fossem expostas de forma clara, sem trapalhices nem aldrabices, dando-se a todas as pessoas, a possibilidade de exporem os seus pontos de vista (o que, aliás, caracteriza as reuniões democráticas dos estudantes) e utilizando essas mesmas pessoas os meios de que dispõem (cartazes, comunicados, intervenções em reuniões, etc) de forma séria, procurando um esclarecimento profundo dos estudantes e não gerar a confusão.

Da discussão e do debate ideológico, se bem conduzido, sairia o perfeito esclarecimento da generalidade dos estudantes e a consequente tomada de posição, consciente e firme.

Se se procura a confusão, se se iludem as questões, se se valorizam os assuntos menos importantes em prejuízo dos princípios, não temos dúvidas em afirmar que está tudo baralhado: Em vez de termos um movimento que traduza uma unidade consciente e uma forte determinação de alcançar os objectivos traçados para a luta, temos mas é um movimento baseado numa unidade fictícia que se desmembrará perante o primeiro obstáculo por falta de consistência.

Mas debruçemo-nos sobre os factos que pretendemos analisar neste artigo.

1. o meeting na cantina da cidade universitária e a provocação do horácio

Foi convocado para a cantina da Cidade Universitária, logo após os acontecimentos de Letras, um meeting de estudantes, que tinha como objectivo a discussão da situação gerada pelas prisões e pelo tiroteio da polícia que tinha ferido 4 estudantes, um dos quais com gravidade, e a preparação de um Plenário a realizar na semana seguinte.

Depois de vários estudantes terem feito intervenções sobre a actual agudização da repressão, Horácio Crespo, estudante de E conómicas, entrevistou, e no meio das suas a

preciações, faz uma grave provocação ao M.A., insinuando explicitamente, ligações entre linhas e direcções associativas e organizações clandestinas. Logo se gerou um burburinho da parte dos estudantes presentes (estavam cerca de 500 estudantes no meeting) que impediram o Horácio de continuar a sua intervenção e exigiram a sua imediata expulsão da reunião.

A mesa, composta só por elementos da orientação "Ousar lutar, ousar vencer" - "estar na luta" (1), tentou, com base em certos argumentos (que analisaremos a seguir) defender o Horácio e as suas provocações.

Uma questão se pode levantar: Em que medida é que as insinuações do Horácio são provocações ao M.A.?

Convém então esclarecer este assunto:

O QUE É A PROVOCAÇÃO?

Toda a gente sabe que o Movimento Associativo é um movimento sindical

. que engloba a grande maioria dos estudantes independentemente das suas posições religiosas ou políticas;

. que, por isso defende os interesses desses mesmos estudantes (excluindo, claro está, os anti-associativos, fascistas e membros das Frentes Universitárias);

. que impulsiona a formação cultural das massas estudantis.

Daqui decorre que as posições tomadas pelo M.A. são sempre da maioria, e posições políticas na medida em que se vão opor à política do Governo.

Toda a gente reconhece:

. que existem problemas

. que eles se discutem e se debatem

. que se tomam decisões

. e que ultimamente o M.A. (que, repetimos, engloba a grande maioria dos estudantes) se tem oposto sistematicamente à política educacional e repressiva do governo, existindo entre eles uma luta latente.

Agora o que se nega e que não corresponde à verdade é a pretensa identificação do M.A. com organizações políticas. O M.A. assenta nas massas estudantis e são elas e mais ninguém que definem as formas de actuação que querem seguir.

Se vírmos bem, quem costuma até utilizar este "argumento" é o Governo. Ele visa com isto um objectivo: — procurar retirar a base de massas ao M.A. pretendendo com isso que os estudantes deixem de o apoiar e de participar nele devido às insinuações de objectivos e de trabalho político

no seu seio.

Citemos alguns exemplos:

— Em 1968 a Associação do Técnico foi encerrada e os seus dirigentes suspensos. Isto por causa de uma greve promovida com o objectivo de adquirir subsídios para a respectiva cantina, greve que estava na altura a ser discutida e que tinha o apoio da grande maioria dos estudantes. O director atribuiu a culpa a "200 maoístas". Posteriormente, e como isso não deu resultado, já em 1969, fez sair no "Diário de Notícias" uma nota atribuindo o movimento do Técnico à presença de alguns suecos que tinham vindo a Portugal durante as férias grandes de 68...

— Não querendo reconhecer o justo anseio dos estudantes do técnico, decidem-se pela calúnia ao seu movimento.

— Perante a força organizada dos estudantes, a associação foi reaberta em Maio de 1969 e houve eleições livres.

— Em Janeiro de 1971, perante um movimento de apoio aos estudantes do ensino médio (industrial e comercial) que tinham ficado privados da associação e tinham as respectivas escolas ocupadas pela polícia sempre que pretendiam fazer reuniões democráticas, o ministro Veiga Simão tornou pública uma nota em que afirmava "que as AAEE... deverão cessar toda a actividade de propaganda política e toda a actividade de ilegal..."

— Não lhes convindo reconhecer as restrições que os estudantes do ensino médio estavam a sofrer e o justo apoio dos outros estudantes de Lisboa, optam mais uma vez pela calúnia do seu movimento.

— Em Maio-Junho de 1971, a AE de Ciências foi assaltada e encerrada (até hoje) na sequência de um movimento gerado à roda de 4 estudantes presos quando distribuíam comunicados à população (comunicados esses da responsabilidade das AAEE de Lisboa).

A PIDE e a polícia encerraram a Associação e divulgaram que tinham encontrado no seu interior "700 Quilos de propaganda subversiva".

— Perante a impossibilidade de rebater, com lógica e razão, os objectivos do Movimento Associativo, vem a calúnia e a atribuição de fins subversivos à sua actividade.

— Recentemente, temos a nota da PIDE do 12 de Maio, em que escandalosamente se pretende inculpar os estudantes e o seu Movimento Associativo pelos petardos rebentados pelo país fora, e pelas greves levadas a cabo numa série de fábricas.

Assim tenta o governo justificar a sua

política anti-popular e caluniar o movimento dos estudantes.

É certo que o Movimento Associativo e os estudantes em geral não negam a existência de organizações políticas: desde a ANP até outras (ilegais, mesmo) reconhecidas em discursos e em notas oficiais pelos governantes.

Mas não se pode confundir isto com o Movimento Associativo que toma as suas posições com base nos problemas que vão surgindo aos estudantes, na sua discussão e na definição da melhor forma de os resolver e lutar por eles.

Sabendo nós que as organizações políticas que se opõem ao governo são rigorosamente reprimidas pela polícia (política e outras), fica bem patente o carácter provocatório das afirmações do Horácio:

1º Tenta identificar o Movimento Associativo com organizações políticas, o que como vimos atrás, faz parte do arsenal de calúnias, mentiras e provocações que o governo tem para rotular o MA e as actividades estudantis nele integradas;

2º Além de insinuar a existência de actividades que não são desenvolvidas pelas AAEE indica pretensas conexões entre estas e organizações políticas, o que multiplica a provocação.

Esta é a base de fundamentação para acusar o Horácio de provocador e consequentemente, exigir a sua expulsão das salas de reunião.

ACTUAÇÃO DA MESA NO MEETING

Mas que fez a mesa do referido meeting que, como dissemos, era totalmente composta de elementos do "Ousar lutar, ousar vencer-Estar na luta"?

Protegeu os provocadores e pretendeu negar o carácter provocatório das suas afirmações.

E no entanto... momentos depois, numa reunião, esses elementos reconheciam que o Horácio tinha de facto feito uma provocação.

Isto foi afirmado por um participante dessa reunião, numa intervenção da R.G.A. de económicas. Este elemento desafiou alguém do "estar na luta" para negar tal afirmação. E ninguém se mexeu...

Tais "dirigentes" que desprezam os estudantes, são incapazes de reconhecer os seus erros e que (muito mais grave) dão albergue a provocadores (pois "tão culpado é o ladrão como o que fica à porta") devem ser rejeitados pelos estudantes e as suas posições sistematicamente criticadas.

* Mas vejamos outros acontecimentos sucedidos ainda neste meeting e que nos ajudam em muito à caracterização da actuação deste grupo, digna muitas vezes de um núcleo anti-estudantil.

A ANTI-DEMOCRATICIDADE DA MESA

Exigiu-se à mesa que procedesse à votação para se decidir sobre se o Horácio tinha ou não feito uma provocação. Isso con seguiu-se ao fim de muita discussão.

Depois da assembleia ter declarado já se encontrar esclarecida, a proposta afirmativa venceu por uma larga maioria.

Mas o que fez a mesa? Acatou e tentou cumprir a decisão tomada pelos estudantes ali presentes? Não! Arregaçava as mangas e desafiava-os com gritos de: "venham buscá-lo! venham buscá-lo!"

O burburinho aumentou. Um estudante apresentou então a votação uma proposta para a demissão da mesa. Foi aceite por uma larga maioria.

Vendo-se desmascarados os seus elementos insistiam: "Venham buscar-nos, venham buscar-nos!"

Houve, no entanto o bom senso suficiente para não gerar uma cena de panoadaria geral que levaria na certa à intervenção policial.

A REUNIÃO INTER-ESCOLAS, EM ECONÓMICAS

Depois dos acontecimentos deste meeting, a cena voltou a repetir-se passados dois dias em Económicas, numa reunião inter-escolas.

Os elementos do "Ousar lutar, ousar vencer" aí foram mais longe. Foram ao ponto de porem em causa que a nota da Pide fosse provocatória. E isto enquanto praticamente todas as AAEE tomavam posição contra ela e as reuniões de estudantes apoiavam violentos protestos.

Prosseguindo na defesa do Horácio, os elementos deste grupo utilizavam os seguintes argumentos:

Sendo dado que o colega já estivera preso durante vários meses sem prestar de clarações à polícia, ele teria de ser considerado sempre como um "filho do povo" e nunca um provocador.

Como tal não deveria sair das reuniões associativas.

Se quando esteve preso não prestou de clarações à polícia, sim senhor, deve ser elogiado e o seu exemplo seguido!

A Pide e os polícias em geral, tudo fazem para saber informações para melhor poderem conduzir a sua actuação anti-associativa e anti-estudantil.

Não prestar informações à polícia é não se prestar a colaborar com ela na sabotagem à luta dos estudantes.

Mas, esse procedimento justo do Horácio não justifica as asneiras que ele posteriormente venha a fazer.

Nem tão pouco poderão servir pcomo atenuantes para "o desculpar".

Ele, objectivamente fez uma provocação ao movimento associativo e aos estudantes e enquanto não se autocriticare reconhe - cer o seu erro, deve ser afastado do M.A.

Aliás é a própria incapacidade do grupo "Ousar lutar, ousar vencer-estar na luta" para demonstrar que as afirmações do Horácio não são provocações (eles próprios o reconhecem, como vimos, mas só em privado...) que os leva a rebuscar "argumentos" que nada têm a ver com o problema em questão, antes o iludem.

Houve até quem perguntasse, na reunião se não era tão grave prestar informações no interior da cadeia como vir insinuar-las cá para fora...

Porque não sejamos ingênuos! Todas as reuniões de estudantes devem lá ter os seus pides ou legionários para recolherem informações e que se pretendem passar por estudantes no meio das massas.

CONCLUSÃO

Que conclusão tiramos da actuação concreta deste grupo de estudantes?

Em 1º lugar albergam no seu seio elementos que fazem provocações.

Em 2º lugar reconhecem, em "família" essas provocações, mas recusam-se a fazê-lo, perante os estudantes (o que evidencia o desprezo pelas massas estudantis, incapacidade de autocritica e falta de seriedade, no seu trabalho).

Em 3º lugar são anti-democráticos. Não aceitam votações de reuniões democráticas de estudantes, quando as suas posições são derrotadas. Não lutam pela aplicação das decisões que ganharam a maioria. Em vez disso arregaçam as mangas e desafiam as assembleias.

Em 4º lugar são sectários em alto grau pois não aceitam que a posição deles este ja errada. Quando isso se torna evidente, arranjam então todos os argumentos fictícios que lhes vêm à cabeça.

APLIQUEMOS MÉTODOS DEMOCRÁTICOS DE TRABALHO

Pode parecer a muitos estudantes, que lêem este artigo ver este assunto apenas, "uma conversa de comadres" ou um "lavar de roupa suja" entre tipos que não se gramam. Ou que o desenvolvimento alargado destes

assuntos neste momento não tem interesse.

Nós não concordamos com este ponto de vista e vamos explicar porquê.

O que acontece é que estes métodos incorrectos de trabalho tomaram tal amplitude no seio do M.A. que não podemos perder nenhuma oportunidade para severamente, os criticar.

E para os criticar uma vez que muitos estudantes não estiveram nas reuniões que citámos, temos de explicar detalhadamente, mesmo com algum pormenor, essas reuniões.

E isto porque pensamos que o M.A. não pode estar aberto a bandalheiras nem a bandalhos desta ordem.

- Bastam-nos as calúnias, provocações, que sobre nós o governo e a imprensa fascista quase diariamente nos lançam.

- Bastam as aldrabices propagadas pelos "órgãos oficiais de imprensa".

- Criemos nós estudantes, uma imprensa, livre e ampla, mas sobretudo, verdadeira e objectiva.

- Impunhamos nós estudantes um trabalho democrático, de massas, que crie raízes e nos dê coesão para darmos passos em frente e combatermos aqueles que se utilizam do M.A. e dos estudantes para os seus floreios e o levam ao desprestígio total e absoluto.

2. a actuação posterior

Expostos os acontecimentos à volta da provocação do Horácio e da posição dos elementos "Ousar lutar, ousar vencer-Estar na luta" perante eles, vejamos agora a sua actuação no decorrer dos últimos acontecimentos.

I - Por duas vezes tentaram os estudantes de Lisboa, realizar um plenário para aprovarem um comunicado informativo a distribuir à população, e por duas vezes um forte aparato policial na Cidade Universitária (com o cerco completo desta) impediu tal realização.

Os estudantes não puderam assim, de entre os comunicados apresentados por vários grupos escolher o que melhor correspondesse à posição global da Academia perante os acontecimentos. E como tal, muitas das folhas informativas, distribuídas, traziam apenas as assinaturas de RGAs realizadas nalgumas escolas e nelas aprovadas.

O comunicado apresentado pelo grupo de que estamos a tratar não tinha sequer posição de nenhuma faculdade. Ele não fora aceite na R.G.A da escola em que o apresentaram.

E, no entanto, foi apresentado à população como o comunicado "dos estudantes à

população" e como tal distribuído.

Passando por cima das posições dos estudantes, das suas reuniões, (que o tinham recusado), das suas estruturas representativas - só o Plenário poderia assinar um comunicado com esse nome - estes senhores fazem distribuir os seus papéis com a chancela nada mais nada menos do que dos estudantes de Lisboa.

II - Outra actuação que tem interesse sublinhar, porque significativa, é a da sua informação sobre os presos.

O grupo já referido "Ousar Lutar, Ousar Vencer", "Estar na Luta" agora CLCR em Economia, tem feito sair informações regulares sobre os estudantes de Caxias. Até aqui tudo certo. Mas sobre que presos? Exclusivamente, ou quase, dos que apoiam a sua linha de orientação.

Chamados à pedra numa reunião de Económicas

- dado que é sectarismo não dar a conhecer a situação, torturas e o bom comportamento de todos os estudantes que se encontram na cadeia, qualquer que seja a linha que defendem - responderam não ter conseguido dispor, com a rapidez necessária, das últimas notícias sobre os restantes estudantes.

Sabemos que isso nada desculpa. Bastava até que se deslocassem a outras escolas, lessem os cartazes para ficarem muito mais informados do que aquilo que dizem estar.

Mais mais grave ainda, foi a apresentação última de um papeu em que pretendem expor uma perspectiva geral da evolução da luta estudantil (e não só) durante os últimos tempos. Mais uma vez aqui exclusivamente a lista dos estudantes presos "de que eles tem conhecimento".

Descaradamente descrevem e enaltecem os antecedentes e a situação dentro de Caxias dos que os apoiavam e deixam num total esquecimento muitos outros que ainda lá permanecem.

Quem é que pode ficar convencido que eles ainda ignoram o que tem sucedido aos outros presos?

Não se trata já de informações recentes que "não conseguem arranjar" de um dia para o outro, dado que o que o comunicado pretendia agora acentuar eram pontos importantes da estadia na prisão, com torturas, corte de visitas, etc.

Quem pode acreditar que eles não sabem ainda dos três dias de sono da ANA QUINTALO, dos 19 dias de sono do CARLOS COSTA e de muitos outros?

A razão é sempre a mesma: o alto grau do sectarismo que os caracteriza leva a

que sã informem (e muitas vezes mal) aqui lo que de imediato pode contribuir para o prestígio da sua orientação:

- Nada de reconhecer erros cometidos
- Nada de divulgar, objectivamente, o que sucede aos dirigentes associativos e a todos os outros estudantes actualmente presos

- Tudo para se arvorarem em verdadeiros expoentes das posições estudantis, mesmo quando estes os recusam (RGA de Económicas) ou quando nem sequer chegaram a ouvir a sua opinião (o Plenário não se realizou).

3. um argumento de peso

Vamos ainda analisar um argumento utilizado no caso do Horácio e que evidencia a falta de ideias firmes e a qualidade de troca-tintas destes estudantes "ousados".

Quando se pretendia discutir a provocação feita pelo Horácio, quando este assunto era tratado em RGAs, no Técnico, Letras Agronomia e Económicas (4), e na RGC do MAEESL (liceus), estes senhores afirmavam que era principalmente necessário continuar "a luta contra a repressão fascista" e não "sabotar a luta" (sic) "desmobilizar os estudantes com a discussão da afirmação do colega Horácio ser ou não provocação". (citações tiradas do comunicado "Ousar Lutar, Ousar Vencer" nº 17).

Nós também afirmamos que é necessário lutar contra a repressão, preparar devidamente os estudantes e organizá-los para a luta, fortalecer o MA para resistir às investidas do governo e explicá-las levando à aderência de um número cada vez maior de colegas nossos.

Isto é certo e somos os primeiros a reconhecer-lo.

Mas, para que esta luta contra a repressão seja eficaz e vitoriosa, precisamos de não dar guarida a provocadores, que fazem como vimos, o papel de informadores de governo e de polícias estabelecidos no meio dos estudantes.

E não será a urgência e a necessidade de lutar contra a repressão que nos fará esquecer estes "tumores" enquistados no Movimento Associativo.

Aliás só criticando e tratando devidamente todas as provocações no interior do movimento é que o poderemos unir e fortalecer para os embates inevitáveis com essas mesmas forças repressivas.

Mas tem a sua lógica a utilização do argumento por eles colocado:

quando as coisas correm mal, quando as pessoas não têm razão no que afirmam e e

não o querem reconhecer;

quando é evidente que o esclarecimento e o debate profundo das questões só levará os estudantes a tomarem posições contrárias às suas;

quando isto sucede, vai então de tentarem "acelerar" o processo, ver se as suas barracas passam despercebidas, ver se a sua "dignidade" não fica abalada.

Eles não são capazes de compreender que a dignidade está exactamente em reconhecer os erros cometidos, em os apresentar às massas estudantis, em tudo fazer para que fiquem perfeitamente esclarecidos.

4. um outro caso de provocação evidencia um método incorrecto para a sua resolução

Vamos acabar este artigo.

Não o queremos fazer sem abordar um assunto que, embora há um ano, está na memória da generalidade dos estudantes devido à celeuma que levantou e à implicação que teve.

Trata-se do tristemente célebre "caso - Jara".

Aliás, o Programa de Trabalho aprovado há cerca de 1 mês em Ciências e proposto aos estudantes pelos colaboradores associados, propunha às outras escolas uma base para a reestruturação de RIA, sendo um dos pontos dessa base a "autocrítica da RIA, com relação à sua posição face ao caso Jara e ao caso MAEESL".

Se, em relação ao caso MAEESL (suspensão da Direcção dos Liceus da RIA, apoiada pelos "ousados" de Direito e logo seguida pelos reformistas), a nossa conduta foi no geral acertada, já o mesmo não acontece no "caso - Jara".

Continuamos a reconhecer que as afirmações deste estudante tiveram um cunho provocatório. (5)

E agimos correctamente quando apresentámos à RIA a proposta de expulsão de tal elemento.

Outra questão se colocava, no entanto, uma questão pessoal:

- a do indivíduo a quem tinha sido dirigida a provocação (e este problema já não tinha que ver com o conjunto dos colaboradores).

Quando este decidiu aplicar ao Jara o tratamento que ele merecia, no local da própria RIA, alguns estudantes apoiaram-no

E a pancadaria que se seguiu foi, de facto, uma atitude reprovável.

Não porque defendamos que os provocado-

res devam ficar impunes quando actuam como o Jara actuou. Embora não seja nossa tarefa (dos colaboradores) fazê-lo, achamos justo que eles apanhem o correctivo.

Mas, por duas outras razões:

1º Porque deu aso a que se pudesse confundir (confusão essa estimulada por Direcções oportunistas) o tratamento de uma questão pessoal com uma posição de colaboradores.

2º Porque antes de ter havido um completo esclarecimento das massas de estudantes (principalmente dos de Medicina, escola de que o Jara era dirigente) sobre a actuação deste provocador e sobre a incorrectão da permanência dele no seio do MA toda a confusão de que falámos atrás veio permitir um aproveitamento mais que descaradamente oportunista dessas mesmas direcções, na base do "barbaramente espancado o nosso dirigente associativo"...

Em resumo, ofuscam a provocação e choram então pelo provocador!

Todo este caso Jara será muito mais detalhadamente tratado no início do próximo ano, estando já a trabalhar nesse sentido os colaboradores de Ciências.

Mas, como dissemos, achámos que era imprescindível ser focado também aqui.

SOBRE OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS EM LETRAS E NO TÉCNICO (continuação da pág 9)

II conclusões

De toda esta série de acontecimentos, podemos agora analisar as consequências:

- Os gorilas foram expulsos. E isso foi um facto.

Perante a resposta massiva e perseverante dos alunos, o CE viu-se obrigado a recuar e a mandar embora aqueles elementos estranhos à Faculdade e, de facto, vindos do exterior (esses sim!)

Simultaneamente dirigia ferozes ameaças aos estudantes de processos, castigos, etc caso a "ordem" viesse a ser novamente perturbada.

(É preciso ter descaramento! Pois, afinal quem tinha ocasionado a sua "perturbação"?)

Esta luta corajosa dos estudantes de Letras tem um duplo significado:

1º Embora tenha, quanto a nós, sido prematuramente interrompida quando o CE continuava ainda a ameaçar de outros processos de repressão (uma "substituição" dos gorilas, dado que fora incapaz de os lá estabelecer), estes dias foram um contributo extraordinariamente positivo na consci-

encialização dos estudantes e na aquisição de uma experiência de luta e de combatividade face ao CE, gorilas, governo, ou quem quer que se oponha às posições assumidas pelos estudantes.

2º Apesar de uma actividade associativa anterior relativamente reduzida, os estudantes de Letras não abdicaram de combater firmemente pela manutenção de uma informação autónoma e objectiva

.pela manutenção de uma informação autónoma e objectiva;

.pela garantia de livre reunião;

.contra a infiltração de elementos provocadores no seio da Universidade;

Organizaram-se, lutaram abertamente, enfim e em resumo **EXPULSARAM OS GORILAS**.

Houve, mais uma vez, tiros na Universidade; alguns estudantes foram feridos e muitos presos.

São cada vez mais os estudantes que, por se aperceberem claramente das verdadeiras funções da Universidade, se opõem a ela. Também cada vez mais o povo vê que os estudantes têm posto a sua luta ao seu serviço e por isso aumenta o apoio da população às justas lutas estudantis. Porque sabe isto, o governo tentou, de novo, calar a verdade sobre os acontecimentos da Cidade Universitária, dando nos seus jornais diários informações incompletas que pretendiam "justificar" os factos, ao mesmo tempo que impedia a realização de um plenário convocado para a aprovação de um comunicado dos estudantes de Lisboa ao povo português e para a discussão e decisão das formas de luta, a nível da academia, face aos acontecimentos.

Nós, estudantes de Lisboa, não nos conseguimos reunir; os plenários abortaram. Mas não deixamos, por isso, de informar a população, de manifestar o nosso repúdio contra o governo assassino e reafirmar a nossa determinação em lutar pela causa do povo.

É assim, que no dia 10 de Maio, impedidos de reunir em Medicina, alguns grupos de estudantes se manifestaram e distribuíram comunicados à população em Sete Rios (cerca de 200 estudantes), no Cais do Sodré (cerca de 200) e no Chile (mais de 50)

Também no dia 16 de Maio, perante o impedimento dum outro plenário, houve manifestações de estudantes (acompanhadas de distribuição de comunicados) na Graça (cerca de 400 manifestantes), em Moscavide (à volta de 100) e na praça José Fontana (uns 70).

(cont. pág 10)

SOBRE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS EM LETRAS E NO TÉCNICO

I a recepção aos gorilas em letras

A ampla mobilização que caracterizou a reacção contra a entrada dos "vigilantes" na faculdade de Letras mais uma vez afirma a capacidade de organização dos estudantes, quando querem levar para a frente, com firmeza, as suas decisões.

No dia três, decorre dentro da faculdade uma R.G.A. com cerca de 700 pessoas, que decreta greve às aulas e cá fora realiza-se uma concentração de outras escolas. Surge então um batalhão de "gorilas" de Direito que, atravessando a Cidade Universitária em "passo de corrida", formados e de cacete debaixo do braço se dirigem a Letras, respondendo ao SOS dos seus amigos, por si impotentes para deter tão massivo aglomerado. Agrirem violentamente os nossos colegas tentando impedir as duas reuniões.

Finalmente a polícia de choque interveio lançando duas granadas de gás e prendeu vinte e um estudantes atrás da faculdade.

Marca-se então um meeting para a Cantina. Quando grupos de pessoas daí se aproximavam para participar no meeting, o edifício é cercado por numerosas carrinhas e os assassinos atacam os estudantes que aí almoçavam.

Estes, apanhados de surpresa, fogem desordenadamente.

A polícia, numa última tentativa para dominar a situação, dispara atingindo cinco colegas nossos, um dos quais fica em estado grave.

No dia 4, os estudantes de Letras exigem ao Director uma tomada de posição face aos últimos acontecimentos. Este propõe a apresentação de um relatório que foque a actuação pormenorizada dos vigilantes, desde a sua entrada.

É convocado, então, um meeting no bar, para discutir se se deveria ou não aceitar essa proposta.

Os gorilas tentam intimidar as pessoas com ameaças tais como: "Têm 5 minutos para sair"; ao que os estudantes respondem, sem hesitar: "E vocês têm 3 segundos para se irem embora".

De novo os gorilas investem sobre os nossos colegas, desta vez á matracada. Os estudantes, barricados no bar, defendem-se com tudo o que têm á mão desde cadeiras a garrafas, e conseguem finalmente pôr 3 gorilas fora de combate que dão entrada em Santa Maria.

É ainda de salientar a adesão de alguns professores á justa luta travada em Letras (por exemplo, o prof. L. Cintra de-

pois de ter sido ameaçado por estar a falar com um grupo de estudantes, coloca-se definitivamente do nosso lado da barricada).

Mas rapidamente a polícia de choque a corre acompanhada de cães, e entrando até pelas janelas, tenta pôr cobro ao "combate" malhando em todos quantos via pela frente.

II antecedentes

Os acontecimentos destes dois dias que descrevemos estão, no entanto, profundamente relacionados com factos ocorridos anteriormente.

Logo no primeiro dia de Maio os gorilas fazem o seu aparecimento em Letras.

No dia seguinte dão início às suas funções de bufos infiltrados na universidade exigindo a um estudante que pretendia entrar na faculdade, a sua identificação.

Indignado, o indivíduo recusa-se!

Chovem-lhe então em cima 7 gorilas furiosos que o acabam por espancar violentamente.

Tudo se passou num ápice. E os estudantes que a pouco e pouco caminhavam para a sua escola puderam apenas presenciar o fim deste brutal massacre.

Cheios de indignação pelo que acontecera, decidiram espalhar a informação de tudo que se passara pela faculdade. Para isso organizaram-se em piquetes que percorreram salas, anfiteatros, corredores, de forma a que todos os colegas pudessem tomar plena consciência do que se tinha desenrolado.

E assim foi. Á medida que a notícia ia correndo, as turmas e até mesmo as frequências eram pura e simplesmente interrompidas e finalmente abandonadas.

Os alunos (e até mesmo alguns professores) recusavam-se a continuar num ambiente de aparente normalidade, quando factos desta ordem ocorriam simultaneamente.

E foi esta a primeira forma de protesto violento dos estudantes de Letras à entrada dos vigilantes na sua escola.

No entanto, tornava-se necessário e urgente que não só os presentes, mas todos os colegas adoptassem uma posição firme e colectiva face à situação criada. E nesse sentido se marcou imediatamente uma R. G.A. para o dia seguinte, 3 de Maio.

E o que se seguiu já nós sabemos. Foi o que se expôs na primeira parte deste texto.

(cont. pág 8)

SOBRE OS ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS EM LETRAS E NO TÉCNICO (continuação da pág 8)

Nestas duas últimas manifestações, houve alguns estudantes presos, alguns dos quais continuam em Caxias. Estas (e outras) prisões serão focadas num artigo à parte.

Em resumo, diremos que as forças policiais impediram a realização de plenários mas as autoridades não conseguiram calar a boca dos estudantes!

OS ESTUDANTES DO TÉCNICO NÃO ABANDONARAM OS SEUS COLEGAS PRESOS

Como já foi referido no início deste artigo, foram presos, pela polícia de choque, atrás de Letras, alguns estudantes do IST.

Logo quando da saída do decreto que institucionaliza os gorilas na Universidade, a RGA do Técnico decidiu, não só a paralização completa do Instituto, logo que os gorilas lá entrassem e a sua expulsão, como (prevendo que entrariam noutras escolas antes do Técnico) apoio activo aos estudantes de outras escolas em luta pela expulsão dos "vigilantes".

Os colegas do Técnico, presos atrás de Letras, estavam a cumprir uma decisão da RGA e os seus colegas apoiaram-nos activamente, decretando greve geral até à sua libertação e distribuindo amplamente comunicados à população.

Como, aliás, já vem sendo hábito seu, o director do Técnico, Sales Luís, quiz parar a luta dos estudantes, tentando desviar-lhes as atenções da luta pela libertação dos estudantes presos para a reabertura da AE (que ele mesmo, Sales Luís tinha mandado selar!!...)

Mas a experiência anterior dos estudantes levou a que o "tiro" do Sales Luís saísse pela culatra. Desta vez ele não conseguiu enganar ninguém, apesar de escrever para os jornais dizendo que o instituto não abria "por questões unicamente pedagógicas" (e não pela firme posição dos estudantes...)

Mais recentemente, as instalações da AE foram decisivamente encerradas (por decisão do CE), a direcção da AE foi suspensa e instaurado um inquérito, ao mesmo tempo as autoridades pretendem incitar ao furo, emitindo nos seus jornais, notícias dizendo que vai haver exames no IST, para os alunos que quizerem mandarem a morada e o telefone...)

Os estudantes do Técnico "travam, neste momento uma luta decisiva contra a inten-

ção governamental de abafar por completo, o movimento progressista dos estudantes. É por isso que os resultados desta luta são de extrema importância para todos os estudantes portugueses. Os estudantes do Técnico, através de um completo boicote aos exames marcados pelo CE, e os estudantes de outras escolas, informando-se sobre o desenrolar da sua luta, discutindo as formas de a apoiar, saberão opôr-se à brutal repressão do governo, ganhando força e de terminação para continuar a sua luta, para reforçar o carácter progressista que ela tem tido."

(transcrição do comunicado aprovado na RGA do Técnico de 5/7 e a distribuir a todos os estudantes de Lisboa).

NOTAS

EDITORIAL

(1) É neste sentido que os estudantes das comissões de curso estão a fazer um estudo sobre o trabalho feito este ano, e para o que consultam o maior número possível, de estudantes. Ele será analisado em Seminário Interno e as conclusões apresentadas aos restantes estudantes.

ACABEMOS COM O SECTARISMO, AS ALDRABICES E AS PROVOCAÇÕES

(1) Aliás, tinham sido eles a convocar o meeting.

(2) Note-se que a este respeito já várias R.G.A.s se pronunciaram, tendo os estudantes de Económicas considerado-a como "provocatória e mentirosa", repudiando-a violentamente num comunicado endereçado aos estudantes de Lisboa.

(3) Certos elementos do "ousar lutar, ousar vencer-Estar na luta" andavam a dizer a estudantes que realmente o Horácio tinha sido um provocador. Mas porque não reconhecerem-no, e, conscientes da gravidade da provocação, actuar em tal conformidade?

(4) Embora as R.G.A.s do Técnico, Letras e Agronomia se pronunciassem quase por unanimidade pela expulsão do Horácio dos respectivos movimentos associativos até que este reconhecesse as suas provocações. Como tal a R.G.A. de Económicas no meio da confusão gerada pelos elementos do referido grupo, rejeita a proposta de expulsão por uma votação de 135 contra 100.

(5) Atitudes comprovadas pela pessoa a que o Jara fez essa afirmação.

OS ESTUDANTES PRESOS

A lista das prisões de estudantes feitas recentemente pela PIDE tem aumentado substancialmente. Desde as alturas do 1º de Maio que várias dezenas de estudantes têm sido presos, sendo utilizados os mais diversos pretextos e os mais variados argumentos. Desde aqueles que foram presos no 1º de Maio no Rossio, alguns unicamente por terem transgredido os sinais luminosos de trânsito (o que lhes valeu 3 semanas em Caxias) e outros que continuam presos, até aqueles que muito justamente se manifestavam junto a Letras, contra a presença dos gorilas na Universidade, o governo e as forças policiais não perdem oportunidade alguma.

A razão fundamental deste aumento de repressão está bem patente: o recente divórcio entre as massas estudantis e o sistema de ensino que serve os designios do governo na perpetuação desta sociedade corrupta. Cada vez mais os estudantes criticam abertamente esta Universidade e tomam consciência da sua função: formar pessoas que contribuam, sob as ordens do governo e de quem as representa, para a maior e mais eficaz exploração do Povo português, o qual é obrigado a trabalhar para alimentar e enriquecer os parasitas que controlam esta sociedade. As movimentações facilmente se radicalizam, englobando contudo, largas massas de estudantes.

Julga o governo, com as suas acções repressivas, incluindo as prisões em massa(1), que intimida a luta dos estudantes. Mas, se a curto prazo, as actuações da polícia surtem o efeito desejado pelo governo, a médio prazo a experiência tem demonstrado que, tais acções vão provocar a indignação e a reacção por parte dos estudantes, contribuindo assim para impulsionar o seu movimento, alargar as suas fileiras, englobar as largas massas preparadas a sua unidade e caminhar decisivamente para a frente.

Aliás os estudantes sabem bem que não são os únicos a sofrer as cargas policiais, os tiros, a repressão terrorista do governo.

O Povo português também é atingido e em muito maior escala. Quando desenvolve lutas organizadas contra a exploração de que é vítima, além da polícia de choque, devidamente artilhada, aparece também a GNR a cavalo, como frequentemente acontece.

Os estudantes devem denunciar o carácter destas prisões, denunciar as condições de prisão e as torturas que a PIDE

utiliza (sono, espancamento, etc.) e integrados no Movimento Associativo, devem promover a defesa sindical destes mesmos estudantes. Devem promover colectas para ajudar as famílias dos presos e, eventualmente, satisfazer cauções exigidas; devem sobretudo, denunciar as razões das prisões.

Os estudantes não devem abandonar a determinação da sua luta por um Ensino ao Serviço do Povo, denunciar as prisões arbitrarias perpetradas pela PIDE e lutar pela libertação total dos estudantes presos.

CONTINUAM PRESOS EM CAXIAS:

Aurora Rodrigues	(Direito)
Duarte	(")
José Lamego	(")
Pedro Palhinha	(")
Saldanha Sanches	(")
Ana Quintalo	(Ciências)
João Pedro Ponte	(")
Violante Matos	(")
António Perez	(Económicas)
Fernando Coelho	(")
Francisco Proença	(")
Fernando Joffre	(")
Prata Barros	(")
Rui Guimarães	(")
António Gomes	(Medicina)
José Boavida	(")
António Jara	(")
Carlos Costa	(Técnico)
Carlos Mesquita	(")
José Caixado	(")
Pinto de Sá	(")
Saraiva da Silva	(")

(1) É tal o número de prisões recentemente empreendidas pela PIDE que, em Caxias nunca houve tanta gente, desde 62/63, após o desenvolvimento de grandes lutas populares.

Estudantes que foram presos em Letras aquando do processo dos gorilas foram interrogados nos corredores e salas de visitas por falta de espaço.